



COR-PORALIDADES: RELAÇÕES ENTRE POÉTICAS FEMINISTAS E A PINTURA CONTEMPORÂNEA

CAMILA SILVA MARQUES

Possui graduação em Abi - Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (2018). Pós-Graduação Lato Sensu em Arte Educação Contemporânea (2022) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Não-Formal, atuando principalmente nos seguintes temas: Sociologia da Arte, Educação e Arte Contemporânea.

RICARDO RIBEIRO MALVEIRA

Ricardo Ribeiro Malveira: Professor no curso de Licenciatura em Teatro e PPGArtes na Universidade Federal do Tocantins UFT/Palmas. Pós-Doutor na Universidade Federal de Goiás no PPG Artes da Cena – EMAC/UFG; Doutor e Mestre em Artes Cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia - PPGAC – UFBA. Graduado em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes/ MG, Graduado em Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás – FAV/UFG. Artista da cena e Artista Visual; Brincante Catopê no Congado de Montes Claros – MG; Integrante do Grupo de Pesquisa Gestos; Coordenador do Projeto Rastros: Visualidades, Imaginários e Teatralituras na Cena.

DOI: 10.26512/dramaturgias30.60972



Resumo

O artigo apresenta uma reflexão sobre a intersecção da arte e a educação na prática artística de pintura autobiográfica, sob a perspectiva da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa. Esta metodologia instiga artistas a explorarem a contextualização histórica das suas obras e a expressão individual que emerge a partir das vivências sociais. A série de pinturas intitulada "Padecer no Paraíso" se insere nesse debate ao investigar as complexidades da maternidade periférica, baseando-se em narrativas pessoais e coletivas que evidenciam a luta e a resistência de mulheres em contextos de marginalização. A proposta da artista é trazer elementos biográficos, resgatando memórias de maternidade que não se limitam a uma romantização, mas que expõem a carga emocional e as ausências presentes nas vidas das mulheres retratadas. Neste sentido, a obra se torna um espaço de autoconhecimento e reflexão não apenas individual, mas também social onde temos um testemunho das intersecções entre arte, feminismo e questões sociais contemporâneas.

Palavras-chave: Poética. Pintura. Autobiografia.

Abstract

This paper reflects on the intersection of art and education in the practice of autobiographical painting, from the perspective of the Triangular Approach proposed by Ana Mae Barbosa. This methodology encourages artists to explore the historical context of their works and the individual expression that emerges from social experiences. The series of paintings entitled "Suffering in Paradise" engages with this debate by exploring the complexities of peripheral motherhood, drawing on personal and collective narratives that highlight women's struggles and resistance in contexts of marginalisation. The artist proposes to bring biographical elements, rescuing memories of motherhood that are not limited to romanticisation, but that expose the emotional burden and absences present in the lives of the women portrayed. In this sense, the work becomes a space for self-knowledge and reflection, not only individual but also social, where we have a testimony of the intersections between art, feminism, and contemporary social issues.

Keywords: Poetics. Painting. Autobiography.

A obra em seus contextos: pessoal, histórico e social



o presente artigo, procuro pensar meu trabalho em pintura e seus contextos a partir da Abordagem Triangular, proposta pela arte-educadora e discípula de Paulo Freire, Ana Mae Barbosa. Ela propõe esse esquema triangular, onde propõe que o educador o adapte à sua proposta de ensino, onde basicamente é organizada a partir dos pilares: ver/fruir/apreciar, contextualizar/relacionar com História da Arte e produzir. Sendo assim, trago minha série de pintura intitulada "Padecer no Paraíso" para pensar o contexto com o qual ela dialoga, e pensar a interface entre contexto social, pessoal e as questões próprias da pintura em relação com a História da Arte.

Ana Mae foi uma das pioneiras em arte e educação e trouxe de Paulo Freire uma contribuição historicamente necessária que é a importância de relacionar o saber de história da Arte com o saber daqueles com os quais dialogamos e, relacioná-los com conteúdos interdisciplinares.

Em minha trajetória comecei dando aula de teatro aos dezoito anos, até meados da graduação estive imersa em trabalhos de educação formal através de bolsas de pesquisa. Mas já no fim dessa trajetória e iniciando minha carreira artística de forma mais contundente, fiquei mais próxima de experiências de educação não-formal, dando ou recebendo aulas. Minha monografia em Ciências Sociais foi escrita a partir de experiências educacionais em espaços de educação não-formal.

Fui professora concursada no interior de Minas Gerais depois de formada e, atualmente, minha prática pedagógica se dá através de aulas particulares que ofereço em meu ateliê e, como diz Ana Mae, através das minhas próprias proposições artísticas em pintura ou em outros suportes. E, entender a educação também através da arte em si é, para mim nesse momento, um dos maiores ganhos que Ana poderia me oferecer. Como ela disse “todo artista tem o que ensinar.”

Isso porque a elaboração de si mesmo - “essa reescrita de mundo” que a leitura de imagem na perspectiva da Abordagem Triangular (BARBOSA, 2008) instiga aliada ao fazer artístico - permite que a autonomia e o conhecimento oriundo do contexto, característicos da metodologia freiriana, deflagre a base para o desenvolvimento da criatividade(...).

FONSECA, ANNELISE NANI DA; SOUZA, VANESSA RAQUEL LAMBERT DE; OLIVEIRA, LUCIANA DAVID DE. 2022, P.3

Padecer no Paraíso e relações de maternidade / maternidade compulsória e questões de classe

Na minha mais recente série intitulada *Padecer no Paraíso*, procuro investigar ausências, acúmulos e memórias em relações de maternidade periférica. Ela nasceu a partir de uma conversa com uma pessoa próxima e, tem como referências fotos e relatos biográficos, além de relatos e fotografias de pessoas com quem convivo que assim como eu, são nascidas e criadas nas periferias. É preciso vingar a história dessas mulheres.

Esse trabalho não é um levantamento histórico, romantização ou “para falar de dor”. Ele nasce onde moram as memórias afetivas, complexas como só elas são. Não é sobre o amor materno que tudo suporta é mais sobre como algumas coisas se repetem. E sobre como as mulheres com as quais convivemos, em alguma medida, sofreram de uma ou outra maneira, porque sua origem de classe foi determinante em muitos aspectos, com uma sobrecarga mental, desamparo emocional o que elas esperam dos filhos e outras sutilezas. Sobre essa série, escrevi como parte integrante uma carta que compartilho a seguir:

Mãe, essa carta é pra você. Você teve todos os empregos possíveis desde os 11 anos de idade. Passou por inúmeras restrições na sua vida. Você fala emocionada da vergonha de ir pra escola com biquíni porque não tinha sutiã e, de dividir camas com seus dez irmãos e, de tantas outras ausências que não direi aqui...

E quando meu pai morreu, tenho certeza que teve medo de não dar conta, então você trabalhou ainda mais. Você trabalhava e tinha nos seus ombros o medo de não sustentar três filhas sozinha.

Eu te queria. E me demorar no teu colo, mas hoje entendo que ser forte é a única herança que mães periféricas deixam para suas filhas mulheres. Com você aprendi a ser forte. Um dia, meu companheiro disse que não tinha dúvidas que eu daria conta se escolhesse ser mãe. Respondi que é exatamente disso que tenho medo, sei que daria conta. Conheço a força que tenho, sei que meus braços não quebram. Mas sei que maternar e demorar em abraços é um luxo que muitas mães periféricas desconhecem. E não quero romantizar minha exaustão. Não posso.

Hoje são minhas as ausências deixadas e, entender sua história como mulher é um caminho de cura pra mim. Não tem sido fácil e não será. Sei que você foi a melhor que pôde. Sei de tantas vezes que você tirou do seu prato pra nos dar de comer. “Ser mãe é padecer no paraíso” era o que você me dizia quando eu ainda nem sabia o que significava padecer e menos ainda o que era paraíso. Não sei se quero ser mãe. Mas hoje preciso entender todas essas ausências e os acúmulos, talvez fosse isso que você quisesse me dizer...

*Eu te amo
Obrigada.*

Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. Para dizê-lo de modo mais sintético: o objeto visado pela pesquisa biográfica, mediante esses processos de gênese socioindividual, seria o estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular (DELORY-MOMBERGER, 2003, 2005). Essa é, então, a singularidade que a pesquisa biográfica se dá por tarefa apreender, mas não é uma singularidade solipsista, é uma singularidade atravessada, informada pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e seus materiais.

DELORY-MOMBERGER, 2012B, P. 524

Nessa carta estão de forma livre algumas questões que aparecem recorrentemente para mim que me debrucei através dessa série. A questão de classe e da maternidade compulsória. Aqui cito alguns atravessamentos que me ocorreram em diálogo sobre esse trabalho. Em uma vernissage encontrei duas amigas, uma delas me perguntou sobre meu companheiro. Como isso já havia acontecido no mesmo dia com outra pessoa, comentei de como a situação é um pouco chata de você ser associada à outra pessoa e perguntei se não era parecido com ser mãe. A amiga que não é mãe disse que só poderia falar sobre isso se fosse e, a que é mãe disse que de fato isso era o melhor a ser feito e saiu.

Me pergunto quem se beneficia sobre esse pacto de silêncio em torno da maternidade, como se ela fosse um lugar sem interlocuções, uma identidade isolada. Ora, maternidade não é condição existencial para uma série de pessoas que podem estar num devir mãe, ou seja, podem vir a tornar-se. E, se existe também um movimento sobre “a solidão materna”, acredito que esse seja um esforço de tornar as pessoas em torno do cuidado, sensíveis a esse tipo de situação, sobretudo redes de afeto parentais. A frase que dá título à série “Ser mãe é padecer no Paraíso” foi escrita por Coelho Neto.

Deixo claro que não sou mãe (ainda e não sei se quero ser) e meu trabalho e proposta de reflexão não partem do conceito de lugar de fala, mas de outras questões. Os relatos e fotos que obtive não são do ponto de vista da mulher-mãe, mas de filhas(os). E, traz o olhar para as questões que estavam no entorno desse maternar e o atravessam. Uma das autoras que trago para pensar essas questões é Silvia Federicci por sua grande contribuição para pensar o trabalho reprodutivo e a desvalorização do trabalho produzido por mulheres na transição do feudalismo para o capitalismo.



Maternidade compulsória, Marcela Cantuária, 2016. Obra doada para o MASP.

Desde o início da história humana a maternidade tem sido algo compulsório para as mulheres. Depois de muita luta feminista, conseguimos o direito de votar e pudemos ocupar o mercado de trabalho com maior liberdade, mas ser mãe continuou sendo uma de nossas tarefas e destino iminente. Aquelas que cedem à pressão social ou de fato desejam reproduzir e constituir uma família ainda precisam lidar com uma série de problemas. Negligência do pai da criança mesmo estando presente todos os dias; ou mesmo quando o relacionamento amoroso acaba, a responsabilidade de criação fica inteiramente depositada nas costas da mãe.

MELLO, 2016, P. 8

Quando se pesquisa maternidade não é difícil achar palavras como arrependimento, romantização, sobrecarga. Silvia chamou atenção para todas as coisas que não aparecem nos álbuns de família. Lavar, acolher, consolar, ensinar, cozinhar, guardar, todo esse trabalho reprodutivo não remunerado sobre o qual ela escreveu de forma assertiva “Isso que vocês chamam de amor, nós chamamos de trabalho reprodutivo não pago.” E, procura investigar quais foram as dinâmicas sociais responsáveis por essas mudanças e quais foram coniventes com elas.

A criminalização do controle das mulheres sobre a procriação é um fenômeno cuja importância não pode deixar de ser enfatizada, tanto do ponto de vista de seus efeitos sobre as mulheres, quanto por suas consequências na organização capitalista do trabalho.

FEDERICI, 2017, P. 181



Mãe, quantas vezes cê me erguia sem perceber que era tu quem afundava. Mila Marques, 2022.

Neste trabalho utilizo a linguagem do desenho com pincel, que traz apenas contorno e uma área “não preenchida” onde o vazio pictórico remete à uma figura na função de cuidado mas não acompanhada por outras na mesma posição. Já nas outras pinturas onde essas figuras aparecem em contato com outras, aparecem preenchidas, simbolicamente representando o apoio mútuo.

Essa pintura é baseada em uma fotografia da minha mãe segurando minha irmã mais velha. São detalhes que só falo em circunstâncias específicas. Como disse um pouco na carta, minha mãe passou por diversas questões por ter dez irmãos e ser de uma família pobre. Além disso, havia muita restrição de afeto em uma época onde não havia muito preconceito em torno de saúde mental. Até hoje existe um distanciamento muito grande do senso comum sobre isso, e a questão financeira é um fator determinante.

Realmente por muito tempo desde minha infância a relação com minha mãe foi muito conturbada. Questões de ausência afetiva me impactaram muito. Mas uma série de processos me levou a deslocar o olhar para ver na figura de minha mãe uma

pessoa com uma biografia igualmente conturbada e de família pobre. Durante a gravidez de uma de minhas irmãs meu pai teve ciúmes repentinos e deixou de falar com ela. Durante a gravidez. Ela não trabalhou durante boa parte de nossa infância, apenas muito tempo depois entendi o quanto a dependência financeira também é agravante de stress. "Portanto, o sexo biológico é utilizado arbitrariamente como justificativa de manutenção do *status quo*, posto que às mulheres permanecem situadas enquanto seres apolíticos e restritas à cozinha e ao quarto, e os homens transitam livremente por entre a assembleia e o mercado." (DIAS, 2021, p.1)



Mãe, quantas vezes cê tirou do seu pra poder me dar de comer? Mila Marques, 2022.

No trabalho acima utilizo a mesma questão do desenho com pincel relacionado à questão simbólica do vazio. Já no trabalho a seguir, coloco as figuras em contato coletivo, onde a questão pictórica do preenchimento faz menção ao seu apoio mútuo. Em todas as obras de série, mantive a mesma paleta de cores e utilizei tinta à óleo, como na maioria das minhas produções.



Eu sou porque nós somos, Mila Marques, 2022.

Muitas artistas mulheres falaram de maternidade a partir de sua própria posição, mas também a partir de memórias de relações com sua mãe. Entre elas, Ana Maria Maiolino (por um fio, 1976) e Louise Bourgeois (Maman, 1999). "Parece ser através da obra "Mamãe" que Louise busca encontrar uma via para solucionar a fragilidade, vulnerabilidade e passividade que cercaram a mulher ao longo da história e que se imprimem como marcas significativas na sua experiência com a maternidade." (BIAZUS, 2020, p. 4).



Maman, Louise Bourgeois, 1999.

Como disse anteriormente recolhi fotos e relatos de pessoas na posição de filhos e filhas a partir de uma posição econômica e social periférica. A partir da escuta desses relatos que incluíam a invisibilidade até mesmo da doação de afeto, trabalho reprodutivo e cuidado de mulheres da família estendida em detrimento da linhagem patriarcal, surgiu essa frase: É preciso vingar a história dessas mulheres. Então, é preciso vingá-las. O pronome oblíquo da frase diz respeito a essas histórias trabalhadas na série, mas acredito que ela retome também um contexto e um discurso social já muito sabido, mas que talvez ainda precise ser enfatizado.



spray sobre ráfia, 2022, Mila Marques.

"Vingar: verbo intransitivo. Ter bom êxito; ser bem-sucedido; dar certo: o plano vingou. Desenvolver-se, crescer, medrar: vingaram as plantas. Sobreviver: dos três filhotes, vingou apenas um. Vingar: sobreviver. Permanecer vivo apesar de algo; continuar vivendo depois de uma situação desastrosa; Manter-se firme; insistir." No trabalho com imagem a seguir, caminho por esses sentidos do vingar. Como plantas, sua memória precisa sobreviver. Fazê-las vingar é também oferecer condições para que elas sobrevivam. Uma vingança epistemológica, resgate dessa matrilinearidade.

Através da faixa quis resgatar um sentido popular e de manifestações políticas, nos quais esse material aparece com frequência. Mas utilizando uma linguagem poética e conectando esse aos outros através da cor, que é de importância em meus trabalhos.



Por um fio, Anna Maria Maiolino, 1976

A obra acima, de autoria de Maiolino parece habitar o campo das memórias afetivas, biográficas e sociais. Quais são as questões que aparecem de forma contínua e quais são as rupturas que aparecem em maternidades quando vistas sob a perspectiva geracional? A fragilidade daquilo que nos une *por um fio*, embora perecível, se impõe através do tempo. Como falo com relação à *Padecer no Paraíso* são minhas as ausências deixadas. Esse cordão umbilical que nos une, não apenas nos alimenta, mas em muitas situações nos fragiliza e, ainda assim, parece impossível de ser rompido, ainda que frágil.

Cor e Corpo

Nesse momento do trabalho gostaria de me debruçar sobre questões próprias da natureza do fazer artístico. Aqui se trata especificamente de meus trabalhos no suporte de pintura, de questões pictóricas que persigo em meus trabalhos e, de como isso se relaciona com a(s) História(s) da Arte. Desde meu início em pintura Van Gogh aparecia com muita força, até que foi me levando à movimentos artísticos e outros pintores e pintoras. O que atraía meu interesse ali era algo que sempre está me movendo e aparece enquanto conceito na antropologia “tornar o conhecido, desconhecido” é o estranhamento. A ousadia com a qual Van Gogh e outros pintores que seguiram o mesmo movimento, passaram a atribuir à luz, cor e, às paisagens, movimento que me consome até hoje. A importância das texturas, as sobreposições, camadas, as velaturas também são alvo de minhas buscas.

“A cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela e com determinada precisão” (Merleau-Ponty, 1945/1994, p. 284). A percepção está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta.

NÓBREGA, 2008, P. 142

Existe uma recusa por uma visão objetiva da realidade na obra de Paul Cézanne, Vincent Van Gogh e Paul Gauguin, alguns dos mais expressivos pintores do movimento que ficou conhecido como Pós-impressionismo. Onde cor e movimento eram alguns dos aspectos mais importantes e, ousado dizer que um não era pensado sem o outro. Cor e movimento eram de tal forma intrinsecamente relacionados a ponto do olhar do espectador quase captar a pulsação das imagens produzidas.



A noite estrelada, 1889, Vincent Van Gogh.

Escolho uma das mais conhecidas pinturas de Van Gogh porque ela é sem dúvida um emblema da relação intrínseca entre cor e movimento. Aqui luz e sombra adquirem caráter quase onírico. A importância do contraste traz uma dramaticidade, o embate com a obra produz uma sensação emocional e não uma fruição que habite o campo da objetividade.

Alguns pintores chamados de coloristas por investigar de forma mais específica a questão das cores em pintura, também são minha referência. Como David Hockney, pintor britânico com atualmente 85 anos, responsável por quebrar o recorde mundial de pintura mais cara vendida de um artista vivo. Ele também é uma grande referência na parte de perspectiva e efeitos ópticos em pintura.

O desenho deve então resultar da cor, se se quer que o mundo seja restituído em sua espessura, pois é uma massa sem lacunas, um organismo de cores, através das quais a fuga da perspectiva, os contornos, as retas, as curvas instalam-se como linhas de força, pois é vibrando que a órbita do espaço se constitui. "O desenho e a cor não são mais distintos, pintando, desenha-se; mais a cor se harmoniza, mais o desenho se precisa ... Realizada a cor em sua riqueza, atinge a sua plenitude."

PONTY, MERLEAU, 2004, P.118



My parents, David Hockney, 1977.

E, por falar em objetividade, algo que me interessa em pintura e também persigo é como trazer histórias, narrativas e corporalidades que beiram a abstração. Sobre isso, uma série de pintores são referência em minha pesquisa, como Paul Wonner, nascido na Califórnia em 1952 e já falecido, ele era um artista americano conhecido pelo estilo expressionista abstrato. É muito interessante notar que, contrariando uma expectativa clássica de distinção entre figura e fundo ou primeiro e segundo plano, ele não constrói as imagens dessa maneira. Questionando até mesmo os limites entre um objeto e outro e, construindo mais através da pintura que do desenho. "Não menos negligenciou Cézanne a fisionomia dos objetos e dos rostos, queria somente captá-la quando emerge da cor." (PONTY, Merleau, 2004, p.118)



Untitled, Paul Wonner, 1961.

Outro artista referência que busca um figurativo mais abstraído é Arjan Martins, o Argentino Mauro Martins Manoel, brasileiro, negro, de 62 anos e nascido em Mesquiza, na baixada fluminense, Rio de Janeiro. Sobre esse traços em sua pintura ele diz: "Foi aí que tive um insight de colocar aquelas senhoras nas telas. Pensei que estava a fim de falar daquele corpo, descoberto num antiquário, que não traz a sua identidade, e tampouco a do fotógrafo. Eu aceitei a individualidade deles, o anonimato, e daí começou a surgir a ideia de uma figuração que não é figurada. Não vai para o hiper-realismo, vai tender sempre para uma abstração, a friccionar a experiência da figura. Uma experiência de pintura em que podemos falar de Francis Bacon, Willem de Kooning e outros autores cuja abordagem da figuração é a partir de outro lugar, evita certas convenções." (em <https://artebrasil.com.br/arte/artista/arjan-martins/>).



Sem título, Arjan Martins, ano não encontrado.

Acima tratei dos caminhos e motivações que moveram a produção das obras que estarão no catálogo onde consta a série *Padecer no Paraíso*. Onde fica claro minha pesquisa com relação a questões específicas de, maternagens, mulherismos e periferia. Além de outras de ordem plástica, como as cores e as faturas.

As produções imagéticas criadas a partir da atenção a escuta de si, as suas ancestralidades e a necessidade de equidade. Este percurso de processo de criação possibilitou uma amplificação sobre o meu fazer artístico suas relações com contextos artísticos e meu lugar de mulher em um cotidiano de resistência, autoconhecimento e estar crítico.

Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. **Por uma ontologia e uma política do gesto**. Série Intempestiva. Cadernos de leitura n. 76. Edições Chão de Feira. abril/2018.
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Hollanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. VII – No 2 – p. 451-478 – set/2007.
- FONSECA, Annelise Nani da; SOUZA, Vanessa Raquel Lambert de; OLIVEIRA, Luciana David de. Abordagem Triangular e Processo Criativo. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 9, 2022. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/gearte>> Acesso em 25 de nov. de 2022.
- MIRANDA, Luciana Lobo. **A cultura da imagem e uma nova produção subjetiva**. ISSN 0103-5665 • 25 PSIC. CLIN., RIO DE JANEIRO, VOL.19, N.1, P.25 – 39. 2007.
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubtiand. **História das mulheres, histórias feministas: Antologia**. Vol. 2. MASP. Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro e André Mesquita (org.). ISBN 978-85-310-0076-8. 2018.

- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, Percepção e Conhecimento em Merleau-Ponty. Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 141-148. ISSN (versão eletrônica): 1678-4669 Acervo disponível em: www.scielo.br/epsic.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte**. 307. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 307-316, maio/ago. 2017. <Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>>
- PONTY, Merleau. A dúvida de Cezannè.O Olho e o Espírito.Cosac & Naify, São Paulo, 2004.
- SANTINI, Rose Marie; CAMELIER, Joana. **Devir Mulher, sexualidade e subjetividade: aproximações entre Deleuze & Guatarri e Pierre Bourdieu sobre a construção social dos corpos**. ISSN: 1807 - 8214. Revista Ártemis, Vol. XIX; jan-julho 2015, pp. 101-108. Disponível em: <<https://www.artequaeacontece.com.br/conheca-12-artistas-que-falam-sobre-maternidade/>> Acesso em: 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte/#:~:text=Aluna%20de%20Paulo%20Freire%2C%20desenvolveu,apreciar%20uma%20obra%20de%20arte.>> Acesso em: 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2016/08/12/pioneira-da-arte-e-educacao-ana-mae-barbosa-r-eforca-todo-artista-tem-o-que-ensinar/>> Acesso em: 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DIFV9-KmAcc>> Acesso em: 25/11/2022.
- Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/120486/86612>> Acesso em: 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2018/09/A_Duvida_de_Cezanne.pdf> Acesso em 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://cebi.org.br/noticias/bell-hooks-o-amor-como-a-pratica-da-liberdade/>> Acesso em: 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo50/fatura>> Acesso em 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte/>> Acesso em: 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DIFV9-KmAcc>> Acesso em 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/120486/86612>> Acesso em 25 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://masp.org.br/acervo/obra/maternidade-compulsoria>> acesso em 26 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://www.observatoriodeseguranca.org/pesquisas-e-estudos/apropriacao-capitalista-do-trabalho-domestico-e-reprodutivo-nao-remunerado-da-dona-de-casa-sob-a-perspectiva-de-genero/>> Acesso em 26 de nov. de 2022.
- Disponível em: <<https://emporiododireito.com.br/leitura/maternidade-e-feminizacao-da-pobreza>> Acesso em 26 de nov. de 2022.

Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/artista/arjan-martins/>> acesso em 26 de nov. de 2022.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OknlkjAjnGo>> Acesso em 26 de nov. de 2022.

Disponível em: <<https://www.lettras.com.br/coelho-neto/biografia>> Acesso em 26 de nov. de 2022.

Disponível em: <<https://www.meudicionario.org/vingou>> acesso em 24 de nov. de 2022.

Disponível em: <<http://imagemcomunicacao2008.blogspot.com/2009/03/fichamento-do-livro-duvida-de-cezanne.html>> Acesso em 24 de nov. de 2022.